

O 11 DE SETEMBRO NO CINEMA HOLLYWOODIANO: UMA ANÁLISE GEOPOLÍTICA DO FILME ‘VOO 93’

**Bruna Marquezan Silva¹,
Arlete Mendes da Silva²**

1 (Mestranda em Saberes e expressões culturais do Cerrado pela UEG).
2 (Doutora em Geografia Humana pela Universidade Federal de Uberlândia).

Resumo:

Este trabalho trata da inserção de políticas norteadoras do controle que os Estados Unidos exercem sobre o plano político e ideológico mundial, principalmente por meio da sua produção cinematográfica. Verificou-se, nesse estudo, o papel que a indústria cinematográfica hollywoodiana desempenha em auxiliar o Estado norte-americano na disseminação de ideias de seu interesse. Analisou-se com especificidade o filme ‘Voo 93’ (2006), identificando seus elementos principais e observando a forma como ele atende ou não às demandas estadunidenses no campo político e ideológico. Esse trabalho se inicia fazendo um breve resgate histórico da Geopolítica a partir da relação entre cinema e guerra. Posteriormente, trata das ferramentas de poder empregadas pelos Estados Unidos para domínio do pensamento populacional, entre elas o *soft power* e as imagens de terror. Nessa perspectiva, o estudo mostrou como tais políticas são aplicadas e a influência que exercem sobre o povo. Concluiu-se com uma breve análise das mensagens contidas no filme ‘Voo 93’. A metodologia utilizada foi de um estudo exploratório, bibliográfico e de análise da política externa estadunidense e sua indústria cinematográfica pós 11 de setembro por meio de livros que tratam do tema.

Palavras-chave:

Cinema. Geopolítica. 11 de setembro.

Introdução (Problemática e Objetivos)

O dia 11 de setembro constitui-se data emblemática no contexto geopolítico da história mundial, pois foi palco de uma série de ataques terroristas contra os Estados Unidos. Tais ataques foram supostamente coordenados pela organização fundamentalista islâmica chamada Al Qaeda.

Após sequestrarem quatro aviões comerciais com passageiros, os terroristas intencionalmente colidiram dois destes aviões contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Todos os que estavam a bordo morreram, junto a grande parte dos que trabalhavam nos edifícios. O terceiro avião sequestrado colidiu contra a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Pentágono. O quarto e último avião atingiu um campo aberto próximo à cidade de Shanksville, na Pensilvânia. Nenhum dos voos deixou sobreviventes.

Milhares de vidas foram ceifadas com esses atentados. Entretanto, mais além das mortes, a mídia retratou de forma clara o perigo eminente que os Estados Unidos estavam sofrendo: os “inimigos” estavam atacando e o nacionalismo norte-americano precisava entrar em ação e lutar (e morrer e “matar”) pelo país.

Contudo, nada parece fazer muito sentido. Sem informações sobre a atitude das autoridades norte-americanas e com a grande violência das imagens, a televisão repetia continuamente o vídeo do avião atingindo a World Trade Center e o desabamento das Torres.

Após os atentados, a mídia buscou retratar a política externa norte-americana e difundir estereótipos das nações que julgava suas inimigas. O cinema hollywoodiano contribuiu na difusão de ideais de heroísmo e nacionalismo estadunidenses.

Diante de tal fato, faz-se importante para a Geografia, especialmente para a Geopolítica, compreender as mensagens presentes nas produções hollywoodianas para interpretar a política externa dos Estados Unidos.

A partir do pressuposto que o cinema estadunidense busca divulgar ideologias nacionalistas e disseminar concepções sobre seus adversários, pretendemos analisar as mensagens presentes no filme Voo 93, que retrata o roubo do voo 93 da United Airlines por terroristas e a reação dos passageiros frente ao atentado e evidencia a padronização de nações adversárias que é feita pelo cinema hollywoodiano.

Para o desenvolvimento desta análise, faz-se de fundamental importância a compreensão da tênue relação entre cinema e geopolítica. Paul Virilio, em seu livro “Guerra e cinema: logística da percepção” (2005), defende que as produções hollywoodianas estão, desde o período pós- Segunda Grande Guerra, embebidas de um discurso extremamente

nacionalista que defende que o que torna um cidadão estadunidense digno de honra é a coragem de lutar e defender seu país.

A geopolítica dos Estados Unidos, portanto, usa o cinema como uma de suas principais armas de divulgação ideológica, e tem nele fiel aliado desde seu surgimento.

Como dito anteriormente, os fatos nacionais são recorrentes na filmografia do país. Nessa perspectiva, analisamos a mensagem do filme.

Foi feita, no desenrolar deste trabalho, uma discussão acerca das seguintes questões: 1- Como o cinema produzido nos Estados Unidos tem se tornado um instrumento de divulgação de valores axiológicos nacionalistas estadunidenses? 2- De que maneira o soft power se faz presente na política externa dos Estados Unidos no pós-11 de setembro? 3- Como o filme ‘Voo 93’ retrata os ideais estadunidenses dentro da perspectiva geopolítica?

O nosso objetivo geral foi analisar as mensagens utilizada pelo cinema hollywoodiano no que tange ao 11 de setembro, com ênfase em ‘Voo 93’, bem com as perspectivas geopolíticas dos Estados Unidos.

Por objetivos específicos, pretendemos: 1- Avaliar a transformação do cinema produzido nos Estados Unidos em um instrumento de propagação de valores axiológicos nacionalistas estadunidenses. 2- Caracterizar a presença do soft power dentro das medidas e das ideologias estadunidenses depois da tragédia. 3- Verificar a maneira como “Voo 93” se relaciona ao que é divulgado pelos Estados Unidos no que se refere ao fato em questão.

Tendo nascido da necessidade de se compreender como a mídia estadunidense (em particular, o cinema) trabalha o seu nacionalismo, a fim de melhor observar as relações políticas entre os Estados Unidos e o resto do planeta, a monografia buscou, inicialmente, contextualizar o surgimento da geopolítica e sua difusão pelo mundo.

Em primeira instância, demos ênfase à geopolítica alemã e, posteriormente, trabalhamos com alguns aspectos da geopolítica estadunidense. Seguimos com o conceito e a análise de cinema, guerra e terrorismo. Delineamos um breve histórico do 11 de setembro seguido de um olhar geográfico e econômico do evento. A conclusão trouxe a análise das mensagens apresentadas e inseridas ideologicamente no filme ‘Voo 93’ (2006).

O referido trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Geopolítica, cinema e guerra”, apresenta a geopolítica desde o seu surgimento e desenvolvimento territorial, passando pelos três principais autores do pensamento geopolítico alemão: Ratzel, Haushoffer e Marx. Nesta parte, nos dispomos a estudar como se deu a formação da geopolítica, evidenciando ideias de estudiosos como Max Weber, Iná Elias de Castro e

Philippe Moreau Defarges. Trabalharemos também com a questão ideológica da geopolítica estadunidense.

No segundo capítulo, intitulado “Guerra e cinema: A Guerra ao Terror, o mundo pós-guerra fria e o cinema como prática social”, falaremos de forma breve sobre as diferenças entre Ocidente e Oriente, dando enfoque na abordagem da memória coletiva e da representação (evidenciando, inclusive, a ligação existente entre ambas), e finalizaremos delineando o cinema como prática social.

No terceiro capítulo, “A aplicabilidade do poder dentro da política externa dos EUA e as imagens de terror”, são analisadas as medidas que o governo estadunidense tomou para tratar os impactos causados pelos atentados terroristas à World Trade Center e ao Pentágono, bem como as políticas utilizadas para aplicar tais medidas. Discorreremos sobre a natureza do poder (com enfoque no *soft power*) e sobre a utilização do cinema como arma de divulgação de ideias.

O capítulo que finaliza este trabalho, denominado “A indústria cinematográfica nos pós- 11 de setembro: uma análise de ‘Voo 193’ ”, expõe uma observação contundente acerca da obra em questão, observação esta que é feita sobre três parâmetros de representação: os terroristas, os passageiros (e suas famílias), e a mídia (no filme).

Referencial Teórico

Para compreender a influência da análise fílmica para a geopolítica estadunidense no que tange aos 11 de setembro, faz-se necessária a observação de alguns conceitos. Inicialmente, trataremos do conceito de cinema.

O cinema constitui-se um modelo de representação da sociedade atual. Turner (1997), apresenta o cinema como prática social. Para ele, o cinema é uma prática social para aqueles que o fazem e para o público. Em suas narrativas e significados podemos identificar evidências do modo como nossa cultura dá sentido a si própria. (TURNER, 1997, p. 13).

Diante desta perspectiva, analisaremos a importância do cinema para a reprodução dos valores axiológicos dos Estados Unidos presentes em sua política externa, bem como sua prática geopolítica.

Outro conceito de fundamental importância para compreender as mensagens nacionalistas presentes nestas produções e todo o contexto da influência midiática na semeadura de ideias quanto aos conflitos norte-americanos, é o de guerra. O dicionário Aurélio define guerra como “a inimizade declarada e luta à mão armada entre nações ou partidos”. Entretanto, a perspectiva aqui adotada será a de Paul Virilio (2005), em sua obra

“Guerra e cinema: logística da percepção, que aponta a guerra como “a arte de criar a surpresa técnica e psicológica”. Segundo o autor,

[...] ou seja, a guerra consiste menos em obter vitórias materiais (territoriais, econômicas...) do que em apropriar-se da imaterialidade dos campos de percepção. À medida que os modernos combatentes estão decididos a invadir a totalidade destes campos, impõe-se a ideia de que o verdadeiro filme de guerra não deve necessariamente mostrar cenas de guerra em si ou de batalhas. O cinema entra para a categoria de armas a partir do momento em que está apto a criar a surpresa técnica ou psicológica.
(VIRILIO, 2005, p. 15)

As guerras têm se tornado, principalmente a partir da I Guerra Mundial, uma importante e inesgotável fonte de material para a produção de roteiros cinematográficos. Paul Virilio, na obra supracitada, destaca que o espetáculo está intrínseco à guerra. Sendo assim, não existe guerra sem representação. A produção do espetáculo mágico seria, segundo Virilio (2005), a principal finalidade da guerra. Nesse sentido,

A guerra não pode jamais ser separada do espetáculo mágico, porque sua principal finalidade é justamente a produção deste espetáculo: abater o adversário é menos capturá-lo do que cativá-lo, é infligir-lhes, antes da morte, o pavor da morte.(VIRILIO, 2005, p. 24).

O cinema se torna uma arma de guerra a partir do momento em que está apto a criar surpresa técnica ou psicológica. Seu papel consiste, portanto, em, muito além de representar a guerra, causar a mistificação psicológica. Daí surge o que Virilio chama de ‘casamento entre arma e olho’, afirmando que “a história das batalhas é, antes de mais nada, a história da metamorfose de seus campos de percepção” (VIRILIO, 2005, p. 27).

Ainda na concepção do referido autor, as cidades cinematográficas, “superproduções imagéticas”, contribuem para a manutenção do “coração de um povo”. Ou seja, é importante, antes de tudo, envolver o psicológico e o emocional dos telespectadores, o que mais uma vez reafirma a ideia da necessidade de se causar a mistificação psicológica. A transformação do cenário de guerra em realidade cinematográfica constitui a desintegração da personalidade do guerreiro.

Virilio (2005) defende que os cineastas evoluíram do campo de batalha para a produção de cinejornais ou de filmes de propaganda, para mais tarde chegarem aos “filmes de arte”, que é o tipo de cinema predominante nos dias atuais. Entretanto, essa categoria de cinema não fará parte de nossa perspectiva de análise. Objetivamos, aqui, analisar o cinema

aliado aos conflitos e às guerras, como arma de estruturação e de influência na difusão de ideologias.

O cinema hollywoodiano retratou, ao longo de sua história, os conflitos e a ideologia norte-americana na perspectiva do terrorismo, e após o 11 de setembro, viu-se, então, em meio a um emaranhado de ideias e roteiros que envolveram a questão desses ataques terroristas.

As produções hollywoodianas que se seguiram ao 11 de setembro tiveram, em grande parcela, os atentados terroristas do 11 de setembro como principal tema. Desenvolveram a respeito disso roteiros que difundiam pensamentos elaborados acerca das nações que julgava suas inimigas.

Trabalhar com a relação entre guerra e cinema, principalmente no que faz jus aos estudos geopolíticos, exige o estudo detalhado de outros conceitos além dos que já foram citados. São eles: Terrorismo, Ideologia, Valores axiológicos e geopolítica. Analisaremos a seguir cada um destes elementos.

Terrorismo é um conceito bastante abrangente e complexo. O filósofo italiano Domenico Losurdo (2010), na obra “A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense” apresenta o terrorismo como um instrumento para desencadear a “guerra ao terror”. Ele rejeita a ideia de que o terrorismo é a arma dos fracos. O terrorismo deve ser analisado a partir do mecanismo que o forma. É um elemento nacionalista, com propósitos e ideias que nunca morrem.

Losurdo (2010) evidencia também que o conceito de terrorismo se tornou uma arma para camuflar as condições desumanas dos presídios de Guantánamo e Abu Ghraib e o massacre contra populações civis iraquianas e afegãs. Para ele, quando a prática da desumanidade se associa a quem produz o discurso, consequentemente essa prática não aparece como “terror”. Paralelamente, não se percebe o ato do terror como uma luta de quem não possui outros recursos para satisfazer seus interesses, como frequentemente é o caso dos palestinos.

No início do século XXI, mais precisamente após os ataques terroristas do 11 de setembro, grupos de estudiosos classificaram o terrorismo em quatro formas: o “terrorismo revolucionário”, que surgiu no século XX, e tem como características principais a aplicação da força para com os que eram contra a revolução e as ações de grupos ligados ao socialismo marxista; o “terrorismo nacionalista”, que apregoava a criação de um Estado-nação dentro de um outro Estado já existente; o “terrorismo de Estado”, que enfoca dois diferentes tipos de ação: um ligado ao terrorismo que o governo comete contra a sua própria população (como

por exemplo o Fascismo, o Nazismo e a ditadura militar brasileira), e o outro ligado à prática do xenofobismo (aversão a populações estrangeiras); e o “terrorismo criminoso”, também conhecido como “terrorismo de organizações criminosas”, que são atos violentos praticados com vista a fins religiosos ou econômicos de um indivíduo ou um grupo. O 11 de setembro se constituiu no mais focado ato do terrorismo criminoso.

A versão oficial norte-americana alega que o que levou a Al Qaeda a atacar o poder dos Estados Unidos foram a presença militar americana na Arábia Saudita (Operação Southern Watch), o apoio que os estadunidenses ofereceram a Israel (que reflete os interesses estratégicos e de segurança que ambos compartilham no que se refere ao Oriente Médio) e as sanções que o Conselho de Segurança das Nações Unidas impôs contra o Iraque. A própria Al Qaeda supostamente confirmou esses motivos em declarações pretéritas, especialmente as fatwás de agosto de 1996 e fevereiro de 1998.

Outro conceito de fundamental importância e que será trabalhado ao longo do projeto de pesquisa é o conceito de ideologia. Na obra “A Ideologia Alemã”, Karl Marx e Frederick Engels (1846) trabalham com a ideologia partindo da perspectiva de que a produção de ideias, de representações e da consciência em si está, antes de tudo, intimamente ligada à produção e ao comércio, às atividades materiais do homem. Configura-se, portanto, a linguagem da vida real. Todo o comércio intelectual do homem é procedente de seu comportamento material.

De acordo com Karl Marx na referida obra, a Ideologia é um instrumento de dominação que age através do convencimento (e não da força ou da violência), de forma prescritiva, alienando a consciência humana e massacrando a realidade. Este conceito aparece em Marx como uma ilusão, uma falsa consciência, aparelho de inversão da realidade e as ideias como motor da vida real.

A ideologia, portanto, para Marx e Engels (1846), contribui na escamoteação de conflitos a partir do momento em que produz imaginários e lógicas de identificação social. Esses imaginários e lógicas dissimulam a dominação e ocultam a presença do particular, dando-lhe aparência universal.

No que se refere ao 11 de setembro, como já citado anteriormente, os Estados Unidos difundem uma ideologia nacionalista, patriótica, pautada no amor incondicional à pátria e na impregnação de rótulos às nações que julga suas inimigas, ou seja, que tentam combater o ideal capitalista.

No referido trabalho, como já dito, foi abordada a influência que a filmografia hollywoodiana exerce na propagação de valores axiológicos estadunidenses. Entretanto, o que são valores axiológicos?

Nildo Viana (2007), em sua obra “Os valores na sociedade moderna”, adota a axiologia em uma perspectiva social. Para o autor, a axiologia representa uma dada configuração do padrão dominante de valores. Ou seja, são os valores predominantes em certa sociedade, que podem assumir várias formas e representar distintos padrões. Estes valores são produzidos socialmente o indivíduo os abstém desde a infância por meio da família, da escola, dos meios de comunicação, dos brinquedos, etc.

As relações sociais que embasam os valores axiológicos evidenciam, segundo Viana, interesses de reprodução das relações capitalistas, e acabam por se espalhar por toda a vida social.

O conceito de Geopolítica também se faz imprescindível para a análise e interpretação das relações expostas. Friedrich Ratzel, pensador alemão que leva o título de “pai da Geopolítica”, é considerado o precursor de tal ciência. Ratzel é autor da obra “Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História”, de 1882, que formulou conceitos fundamentais para a Geopolítica no âmbito da realidade internacional, como por exemplo, a real função do Estado, que é a de ampliar e defender o espaço territorial nacional.

De acordo com Tosta (1984), Rudolf Kjelen, no ano de 1916, publicou um trabalho chamado *O Estado como forma de vida*, em que apresenta a geopolítica como sendo a “ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo espaço da Terra”. A Alemanha, entretanto, apresentou uma concepção diferente e passou a considerar como geopolítica todos os problemas políticos. Sendo assim, a parte passou a absorver o todo.

O autor ressalta que a Alemanha contribuiu de forma ímpar para o desenvolvimento e divulgação da Geopolítica, por meio do Instituto de Geopolítica da Alemanha. Ao mesmo tempo e contraditoriamente, contribuiu na deformação dos propósitos iniciais deste novo ramo do conhecimento, e propiciou o surgimento de uma certa confusão quanto à verdadeira acepção do termo, confusão esta que Tosta (1984) julga como perniciososa. O autor destaca os seguintes conceitos que foram elaborados pela escola alemã para geopolítica:

- “Geopolítica é o fundamento científico da arte e da ação política na luta de vida e morte entre os organismos estatais pelo espaço vital.”
- “A Geopolítica é a ciência das características raciais que determinam o desenvolvimento dos povos e dos Estados.”
- “A Geopolítica surgiu da Geografia Política. Ela ativa o repositório de conhecimentos desta última e põe-no a serviço do líder político.”
- “A Geografia é a ciência de aplicação e nada mais do que Geografia Política aplicada.”
- “A Geopolítica é tanto ciência como política. É uma ciência política nacional.” (TOSTA, 1984, p.25).

O termo Geopolítica é, portanto, muito abrangente. Engloba estudos de território, poder, relações, sociedade e ideologias. É, mais que um ramo do conhecimento, uma ciência que em sua diversidade aborda todos os aspectos da vida humana e das políticas expostas.

A compreensão do que é território constitui-se parte substancial no estudo da temática que aqui nos dispomos a trabalhar.

Pedro de Almeida Vasconcelos (2001), em “Categorias e conceitos para compreensão da cidade”, apresenta o conceito de território em sua perspectiva histórica. Segundo ele, a primeira escola geográfica a abordar o tema foi a francesa. Para o autor:

O conceito território (territoire) aparece na geografia francesa como um “espaço apropriado, com sentimento e consciência de sua apropriação” e como uma noção jurídica, social, cultural e afetiva (Brunet, Ferras & Théry, 1993:482). (VASCONCELOS, 2001, p. 21-22)

A concepção de território está, porquanto, intimamente ligada à apropriação de um lugar em seu aspecto legislativo, social, cultural e afetivo. As leis garantem o direito à posse de determinado lugar por parte do indivíduo sob a observação de certos requisitos também legais; a sociedade, mediante conceitos pré-estabelecidos e os famosos conflitos sociais, da mesma forma conferem ao indivíduo o monopólio de um território; a cultura da tradição hereditária garante que os bens de terra sejam passados de pai para filho; e o sentimento de afetividade outorga ao sujeito a ideia de que ele detém aquela localidade.

Já na geografia anglo-saxã, ainda do ponto de vista de Vasconcelos (2003), o território equivale a “um espaço social delimitado, ocupado e utilizado por diferentes grupos sociais” (Johnston, Gregory & Smith, 1997, p. 670, apud Vasconcelos, 2001, p. 22).

Sendo assim, os geógrafos germânicos adotavam acerca do território um parecer relacionado à ocupação do espaço social por distintos grupos sociais, evidenciando a diversidade existente dentro de um mesmo território.

O conceito de território conhece uma variedade muito grande de abordagens. Podemos tratá-lo em âmbitos étnicos, quando se fala da apropriação por diferentes etnias de

determinados pontos da cidade, ou também em âmbitos religiosos, no sentido de território sagrado, no caso em que se podia requerer a proteção da Igreja em uma busca policial (Vasconcelos, 2001).

Metodologia

No desenrolar do projeto, foram desenvolvidas análises fílmicas. Para tanto, inicialmente foi feito um estudo da realidade norte-americana no contexto histórico do lançamento do filme, bem como o contexto geopolítico que gerou seu roteiro. Consideramos a verificação da realidade norte-americana à época de produção do filme analisado de extrema importância para explicar as colocações que são feitas no mesmo.

Posteriormente, fizemos a localização, o acesso e a análise de informações sobre o processo de produção do filme, bem como a busca por entrevistas com os produtores, roteiristas diretores e atores principais. Este passo se deu com a ajuda de revistas, livros e meios eletrônicos.

Após a observação do contexto histórico de elaboração do roteiro e das entrevistas, relacionamos o que foi percebido às conclusões feitas a partir da leitura crítica dos autores que nos serviram de alicerce.

Foram realizadas pesquisas de textos, livros e trabalhos acadêmicos acerca dos conceitos e categorias a serem trabalhados. Tal pesquisa resultou na constituição do referencial teórico e no corpo da monografia.

Após a análise do filme, de sua produção e de seu contexto, iniciamos a escrita das informações e reflexões obtidas com o desenvolvimento deste projeto, pautando-nos impreterivelmente na bibliografia que foi lida e tentando responder aos questionamentos supracitados.

Resultados e Discussões

A indústria fílmica norte-americana cresceu impulsivamente a partir do início da Primeira Guerra Mundial e foi ganhando um atributo de arma de combate, abarcando doutrinas em suas representações e trabalhando-as a partir de uma intenção nacionalista de manter os Estados Unidos na posse da supremacia mundial.

A fim de cumprir com sucesso esse intento, os EUA fazem uso de um mecanismo mais brando de reprodução do poder, que é conhecido como soft power. Seguindo a recomendação de Maquiavel em “O Príncipe” (1532), de os líderes provocarem o temor popular e ao mesmo tempo buscando ser amado pelo povo, o governo estadunidense vê no

soft power (poder suave, em uma tradução livre), um poderoso instrumento de dominação aplicado através dos meios de comunicação, como o cinema, os quadrinhos, a televisão e, a partir do fim do século XX, a internet.

Observamos que o soft power não é utilizado através de forças armadas, senão perante a instituição da liderança através do carisma. Constitui-se um aparelho ideológico que tem sido largamente adotado por grandes empresários e diretores e que atrai o outro de forma positiva a fim de obter dele o comportamento desejado, visto que, antes de dominar, é necessário conquistar.

Descobrimos que o cinema é um trunfo na aplicação do soft power. Mais ainda, o cinema como prática social e instrumento ideológico teve papel essencial na difusão de notícias e imagens do 11 de setembro, contribuindo de maneira singular para que se espalhasse o sentimento de pânico e de terror. Durante e depois do atentado, imagens dos aviões atingindo os prédios, de pessoas pulando das janelas dos andares onde estavam e de bombeiros tentando apagar o incêndio bombardearam as televisões dos Estados Unidos e de todo o mundo.

No que se refere a “Voo 93”, em nada foge às pretensões norte-americanas. Uma de suas finalidades é processar-se entre o terror e o drama da morte, visto que sessenta e nove minutos são destinados a mostrar o pânico dos passageiros e as conversas dos mesmos com suas famílias numa dramaticidade que, reforçamos, não obteve sucesso.

Ao longo do filme, diversas pistas são dadas sobre a origem dos acontecimentos, o que acentua a acusação feita por Bush e pelo governo norte-americano no geral à Al-Qaeda. A fita vermelha utilizada pelos terroristas, a comunicação entre eles que é feita em árabe, os nomes de origem muçulmana e os julgamentos que os passageiros e a mídia fazem durante todo o tempo.

Diante do que foi posto, é evidente verificar que a mídia exerce influência decisiva na disseminação do terror, conforme declaram Araújo e Evangelista (2010).

Conclusão

Ao iniciar a pesquisa, partimos do pressuposto de que o cinema estadunidense dissemina estereótipos acerca das nações que julga suas inimigas. Tendo por pauta o atentado às Torres Gêmeas e ao Pentágono, analisamos as premissas da indústria cinematográfica hollywoodiana tendo como objeto o filme ‘Voo 93’.

Fizemos o desenvolvimento do trabalho adotando como suporte as seguintes questões: 1-Como o cinema produzido nos Estados Unidos tem se tornado um instrumento de

divulgação de valores axiológicos nacionalistas estadunidenses? 2- De que maneira o soft power se faz presente na política externa norte-americana no pós-11 de setembro? 3- Como o filme ‘Voo 93’ retrata os ideais estadunidenses dentro da perspectiva geopolítica?

O objetivo geral que nos norteou foi analisar as mensagens utilizadas pelo cinema hollywoodiano sobre o 11 de setembro a partir de ‘Voo 93’. Não obstante, visamos caracterizar a forma como o cinema dos Estados Unidos vem se transformando em um poderoso meio de disseminação de valores nacionalistas, verificar a influência do soft power na política externa norte-americana no pós-11 de setembro e determinar a forma como a obra em questão aborda os ideais estadunidenses dentro da perspectiva geopolítica.

Vimos que um filme é uma produção de caráter social, coletivo e ficcional que divulga uma mensagem e que tem sido cada vez mais usado com finalidade comercial e ideológica.

Sobre essa temática, entendemos que alguns outros aspectos podem ser pesquisados de forma mais aprofundada, tais como: a quantidade de filmes produzidos por Hollywood de 2001 até o período atual que tratam do 11 de setembro; as controvérsias que se colocam sobre a responsabilidade do ataque (para tal, indicamos a obra “11 de setembro de 2001- uma terrível farsa: nenhum avião atingiu o Pentágono”, de Thierry Meyssan); e as influências das mudanças que a política externa norte-americana vem sofrendo desde 2001 exerce no cenário geopolítico mundial atual.

Esta pesquisa é uma das inúmeras possibilidades de se estudar como o cinema hollywoodiano trabalha na disseminação de ideologias sobre o 11 de setembro.

Referências

ALVES, Gracilda. Cinema, guerra, civilização e barbárie. In: _____. **O cinema vai à guerra**. Org. Francisco Carlos Teixeira da Silva, Kkarl Schurster Sousa Leão e Igor Lapsky. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p.3-17.

ARAÚJO, P.V.L.; EVANGELISTA, M.A. **Terrorismo e mídia em V de Vingança: O terrorista e sua representação**. In: História, imagens e narrativas. Viçosa, n.10, abril de 2010.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra Entre as Nações**. Brasília: UNB, 2002.

BHARGAVA, Rajeev. **RESPONSES TO 9.11: INDIVIDUAL AND COLLECTIVE DIMENSIONS**. 2005. Disponível em: <<https://essays.ssrc.org/10yearsafter911/responses-to-9-11-individual-and-collective-dimensions/>>.

BLOG DO RICARDO NESTER. **Oscar, cinema e geopolítica**. Disponível em: <http://nester.ucoz.com/blog/oscar_cinema_e_geopolitica/2013-03-09-3>. Acesso em: 24 de outubro de 2015.

BUSH, George W. **Discurso sobre o Estado da União**. Washington, 2001. Disponível em: <<http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/inaugural-address.html>. > Acesso em 20 de maio de 2016.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CABRAL, Raquel. **Estratégias da comunicação no cinema pós 11 de setembro: A legitimação da guerra**. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Universidade Estadual Paulista. Bauru, SP, novembro de 2006. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/raquel_cabral.pdf. >. Acessado em 10 de julho de 2016

CAIRO, Heriberto. **La Geopolítica como ciência del Estado: el mundo del general Haushofer**. Revista de estudios sobre espacio y poder, vol. 3, núm 2, 2011, p. 337-345

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DAHL, Robert. **Sobre a Democracia**. Brasília: UnB, 2001.

DEFARGES, Philippe Moreau. **Introdução à geopolítica**. Trad. José Pedro Teixeira Fernandes. Lisboa: Gradiva, 2003.

ENGELS, F; MARX, K. **A Ideologia Alemã**. Lisboa: Presença, 1932-1976.

GIL FILHO, S. F. Espaço e Representação e Territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. Ra' e Ga': **O espaço geográfico em análise**, Curitiba, v.2.n3.p.61-67, 1999.

HALLIDAY, Fred. **The World at 2000**. London: Palgrave, 2001.

HOBBSBAWM, Eric. J. 1. A Era da Guerra Total. In: _____. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 29-60.

JOFFE, J. **The perils of soft power**. 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/05/14/magazine/14wwln_lede.html?_r=2&pagewanted=print&oref=slogin.> Acesso em 14 de junho de 2016.

KELLNER, Douglas. **From 9/11 to Terror War: The Dangers of the Bush Legacy**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

LAPSKY, Igor. A guerra ao terror: O pós- Guerra Fria. In: _____. **O cinema vai à guerra**. Org. Francisco Carlos Teixeira da Silva, Kkarl Schurster Sousa Leão e Igor Lapsky. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p. 229-239.

LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985, p. 12

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

MEYSSAN, Thierry. **11 de setembro de 2001: Uma terrível farsa**. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

MORGENTHAU, Hans J. **Política Entre as Nações: a Luta Pelo Poder e Pela Paz**. Brasília:UNB, 2003.

NYE JR, Joseph S. **O Futuro do Poder**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Benvirá, 2012.

NYE JR, Joseph S. **Soft power: The Means to Success in World Politics**. 1ª. ed. United States: PublicAffairs, 2004.

NYE, Joseph S. **O Paradoxo do Poder Americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada**. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP, 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012.

RAMONET, Ignácio. **Guerras do Século XXI: Novos Temores e Novas Ameaças**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 75.

SANTANA, Carolina Nascimento. **Hollywood e a guerra ao terror: O papel do cinema no imediato pós-11 de setembro**. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

SARDENBERG, Ronaldo. **Estudo das Relações Internacionais**. Brasília: UNB, 1982.

SCHOPENHAUER. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

SILVA, Arlete Mendes. **Resiliência Socioespacial na Expansão Canavieira do Cerrado Goiano: a Cidade Rural de Maurilândia/GO**. Tese de Doutorado defendida em 02/07/2014 na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. 2014.

SORLIN, Pierre. **Indispensáveis e Enganosas, as Imagens, Testemunhas da História**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 7, n.13, 1994, p.14

STOCKTON, Sean S. “Philanthropists” soft power may trump the hard pull of purse things. **Chronicle of Philanthropy**. 22 de abril de 2010.

STREET, John. **Politics and Popular Culture**. Oxford: Blackwell, 1997.

VALANTIN, Jean-michel. **Hollywood, The Pentagon and Washington: The Movies and National Security from World War II to the Present Day.** London: Anthen Press, 2005.

VIANA, Nildo. **Cinema e mensagem: análise e assimilação.** Porto Alegre: Asterisco, 2012.

VIEIRA, Bruno Rizzi de. **A política externa norte-americana no pós-11 de setembro: O cinema como ferramenta de soft-power.** 2014. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema.** Trad. Paulo Roberto Pires. Paris: Boitempo, 2005.

WOLF, H. J. **A Produção Social da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

YOUTUBE. **Voo 93.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tlgKEkaWhmo>>
Acesso em: 24 nov. 2016.